

Projeto de Formação de Professores do Parque Indígena do Xingu

Associação Terra Indígena Xingu e Instituto Socioambiental

Respostas ao formulário de informações complementares

1. Objetivos Gerais

- Consolidar uma escola diferenciada e de qualidade no Parque Indígena do Xingu, protagonizada e gerida pelos próprios índios, a partir da formação de professores indígenas e de seus alunos e do estabelecimento de um currículo diferenciado, intercultural e multilíngue.
- Valorizar a cultura indígena e estimular o intercâmbio cultural e a cooperação entre os povos do Parque;
- Fortalecer o diálogo entre os mais velhos e os adolescentes na perspectiva de motivar a participação destes na vida tradicional, estabelecendo estratégias de relação entre mais velhos e adolescentes diante das mudanças decorrentes do contato, uma vez que estes adolescentes deverão dar continuidade às tradições culturais e à defesa do território.

Objetivos específicos

- Formar professores indígenas como educadores e pesquisadores, através do Curso de Formação de Professores Indígenas do Parque Indígena do Xingu para o Magistério (ensino médio), de maneira a tornarem-se agentes do processo de ensino e aprendizado e habilitados a formular e conduzir os currículos dessas escolas.
- Desenvolver a formação continuada de professores indígenas formados em Magistério dando apoio para uma qualificação profissional constante, acompanhando o desenvolvimento da 1ª a 4ª etapas (séries) nas escolas das aldeias.
- Assessorar os professores indígenas e seus alunos na elaboração e impressão de materiais didáticos, apropriados à realidade xinguana e as particularidades culturais das etnias que lá residem.
- Propiciar o estudo, pelos professores indígenas e seus alunos, das línguas nativas e o desenvolvimento da escrita nessas línguas, garantindo a presença e o uso da língua indígena ao longo de todo o processo educacional, como disciplina em si e como instrumento de ensino em todas as outras disciplinas do currículo escolar.
- Assessorar os professores, lideranças e comunidades indígenas no processo de gestão de suas escolas.
- Transmitir conhecimentos que fortaleçam a participação dos povos indígenas na sociedade brasileira como cidadãos, com melhores condições de gerir e defender o seu território, seus interesses e direitos, venda e aquisição de bens, uso adequado e conservação dos recursos naturais, busca de alternativas econômicas auto-sustentáveis e melhoria da qualidade de vida.

2. Trata-se do processo de formação de 72 professores indígenas de 14 povos do Parque Indígena do Xingu (PIX) e da Terra Indígena Panará, moradores em Terra Indígena vizinha ao PIX. Estão incluídos também dois professores da aldeia Cururuzinho, da Terra Indígena Kaiabi. Estes professores lecionam em 38 escolas nas aldeias e postos para 1.258 crianças e adolescentes, incentivando que estes valorizem e vivenciem as práticas culturais de seus povos, ao mesmo tempo oferecendo aos alunos uma formação escolar básica, através de uma visão crítica da sociedade envolvente e oferecendo-lhes subsídios para exercerem seus direitos de cidadania no contexto do convívio com a sociedade envolvente, mantendo sua identidade como povos culturalmente diferenciados. A formação é propiciada por meio de **dois cursos anuais** (30 dias cada) e pelo acompanhamento pedagógico às escolas indígenas no período intermediário entre os cursos. O currículo do curso e do acompanhamento pedagógico segue a Proposta Curricular formulada pela equipe do ISA, aprovada pelo Conselho de Educação de Mato Grosso em 1998. **Gestão territorial** é o tema adotado como espinha dorsal do processo de formação, passando todas as disciplinas, que abrangem a gerência do próprio território, exercida pelos índios, a manutenção e revitalização cultural e lingüística, o uso e preservação dos recursos naturais, sobrevivência econômica e relacionamento com a sociedade não-indígena, em especial na convivência com as fazendas, municípios e projetos de colonização ou econômicos, limítrofes ao Parque Indígena do Xingu. A **educação ambiental** está presente em todas as disciplinas, como tema transversal, sendo abordada em seus diferentes aspectos em cada uma delas, assim como a educação para a saúde (prevenção de doenças). Esse trabalho se articula também com a formação de agentes de manejo de recursos naturais e apicultores (ATIX e ISA) e de agentes de saúde (Unifesp).

Outra atividade importante do Projeto é a produção, organização e impressão de materiais didáticos nas línguas indígenas e língua portuguesa, elaborados pelos professores indígenas com assessoria da equipe do ISA.

3. O Projeto conta com a parceria da Coordenação de Apoio às Escolas Indígenas do Ministério da Educação desde 1995, apoiando parcialmente despesas dos cursos e impressão de materiais didáticos. O Projeto tem servido de referência na elaboração dos “Referenciais Curriculares da Educação Escolar Indígena” pelo MEC através de sua Proposta Curricular e dos materiais didáticos. Desde 1996 foi iniciada a articulação com a Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC-MT). A partir de 1998 vem sendo estabelecidos convênios anuais com o ISA (para a Formação de Professores) e com a ATIX (para construção de escolas). Foram estadualizadas 30 escolas (são quatro escolas centrais e as demais vinculadas a estas) e oito escolas estão vinculadas a três municípios do entorno do PIX. Foram escolhidos professores indígenas que atuam como diretores das escolas centrais, que recebem recursos da SEDUC para compra de materiais escolares e merenda, realizando a prestação de contas. Os professores e lideranças reivindicaram do MEC e da SEDUC-MT o direito de comprar alimentos das aldeias para evitar a introdução de alimentos industrializados no PIX, tendo conquistado esse direito a partir de 2000. Com as secretarias municipais de educação a interlocução é mais difícil. Apesar de problemas nessa relação contamos com a participação no 18º curso (maio/2003) de uma educadora de da Secretaria Municipal de Gaúcha do Norte que está interessada em se integrar ao processo de formação de professores indígenas.

4. Participam do processo de formação continuada 38 professores formados em Magistério e 34 cursando o Magistério, totalizando 72 participantes, de idade entre 18 a 50 anos (a maioria está na faixa etária de 25 a 35 anos). A maioria são homens, participando somente três mulheres. Isso ocorre porque os trabalhos relacionados ao mundo dos “não-indios” são historicamente no PIX, desenvolvidos por homens. Estes (as) professores (as) pertencem aos povos Kuikuro, Kalapalo, Matipu, Nahukuá, Mehinaku, Waurá, Awei, Kamaiurá, Trumai, Yawalapiti, Suiá, Kaiabi, Ikpeng, Yudiá(Do PIX) e Panara (TI Panara). Os alunos das escolas totalizam 1258, assim distribuídos por faixas etárias:

- crianças: 589 (60% homens e 40% mulheres)
- adolescentes (12 a 18 anos): 531 (70% homens – 30% mulheres)
- jovens adultos (19 a 25 anos): 105 (10% mulheres – 90% homens)
- adultos (26 a 40 anos): 33 (10% mulheres – 90% homens)

Geralmente as meninas quando menstruam vivem o processo de reclusão que pode durar no mínimo um ano, quando saem logo se casam, interrompendo a vida escolar. Há poucas mulheres casadas que freqüentam as escolas.

A população do PIX está estimada em 4.000 pessoas, da TI Panara 220 pessoas e da aldeia Cururizinho (TI Kaiabi) 200 pessoas.

Os participantes do curso são escolhidos por suas comunidades (este é o critério de participação).

5. O orçamento ideal do Projeto é R\$450.000,00, no entanto nunca conseguimos recursos para contemplar todas as atividades, obtendo anualmente de R\$280.000,00 a R\$300.000,00 de fontes diversas. Em 2003 a situação do Projeto é a seguinte:

- R\$130.000,00 da Fundação Rainforest da Noruega
 - R\$100.000,00 da Terre des Hommes
 - R\$45.000,00 da Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso
 - A Funai contribuiu com combustível no 18º curso (estimado em R\$15.000,00)
 - Até junho de 2003 o financiamento a projetos de formação de professores indígenas e impressão de materiais didáticos está interrompido pelo MEC.
- Os municípios não contribuem no processo de formação de professores. Eles somente contratam professores índios para as escolas das aldeias e compram materiais didáticos para as escolas (geralmente em quantidade insuficiente), além de merenda escolar, no caso de Gaúcha do Norte, adquirida nas comunidades.

Tomando como exemplo o ano de 2002, os recursos do Projeto vieram das seguintes fontes: SEDUC-MT 10,8%, MEC 8,2%, FUNAI 3,5% e Cooperação Internacional/Fundações estrangeiras 77,5%.

6. Equipe do Projeto:

ATIX

Mairawe Kaiabi – presidente, contribui com orientações políticas, antropológicas e pedagógicas para a equipe de formadores, para os professores e lideranças, acompanha a política educacional fora e dentro do PIX.

Alupá Kaiabi – diretor financeiro, colabora na organização logística das atividades.
Makupa Kaiabi – diretor executivo, acompanha as políticas educacionais dentro e fora do PIX.
Kamani Trumai, Winti Suiá, Tymairu Kaiabi – apóiam a logística do curso de formação e do acompanhamento pedagógico às escolas.

ISA

André Villas-Bôas – Coordenador do Programa Xingu
Paulo Junqueira – Coordenador Adjunto
Maria Cristina Troncarelli – educadora, coordenadora do Projeto de Formação de Professores.
Estela Würker – educadora, atua na sistematização de materiais didáticos e no acompanhamento pedagógico às escolas.
Rosana Gasparini – educadora e geógrafa, atua no acompanhamento pedagógico às escolas.
Camila Gauditano – educadora e antropóloga, atua no acompanhamento pedagógico às escolas.
Kátia Zorhêa – educadora, consultora no acompanhamento pedagógico às escolas.
Paula Mendonça de Menezes – educadora (estagiária)
Marcos Schimdt – engenheiro florestal.
Wemerson Ballester – agrônomo e apicultor
Leonardo Alonso Guimarães - agrônomo
Kátia Yukari Ono - ecóloga
Rosely Sanchez – bióloga

SEDUC-MT

Artema Lima – educadora, acompanha as atividades do projeto através da SEDUC-MT

7. ATIX – participa e promove discussões pedagógicas dentro do PIX, atua na política educacional e apóia a logística das atividades através de transporte e organização de equipes de apoio.

ISA – realiza os cursos de formação e o acompanhamento pedagógico aos professores nas escolas das aldeias e postos indígenas. Assessoria na elaboração de materiais didáticos e busca recursos para sua impressão, assessoria no processo de gestão das escolas.

Fundação Rainforest da Noruega (RFN) – apóia financeiramente o Projeto desde 1994, sendo responsável pela remuneração parcial da coordenadora e de uma educadora da equipe e algumas despesas de acompanhamento pedagógico às escolas.

Terre dès Hommes – começou a apoiar financeiramente o projeto em 2003, sendo responsável pela remuneração de uma educadora da equipe e de algumas despesas do acompanhamento pedagógico às escolas.

Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (Seduc)– apóia parcialmente os cursos de formação e acompanhamento pedagógico. É responsável pelo atendimento a 30 escolas do PIX (materiais escolares, contrato de professores, merenda escolar, construção de escolas). Contratou uma educadora para participar do Projeto.

Coordenação de Apoio às Escolas Indígenas do Ministério da Educação – apoio parcial aos cursos de formação e impressão de materiais didáticos. Em 2003 até o momento não há previsão de recursos para apoiar os projetos de formação de professores indígenas, nem impressão de materiais didáticos.

Fundação Nacional do Índio (Funai) – apoio parcial nos gastos de combustível nos cursos de formação e acompanhamento pedagógico e na impressão de materiais didáticos.

Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) – parceria nas atividades de formação de professores e agentes de saúde indígenas e nas atividades direcionadas à saúde.

Secretarias Municipais de Educação de Gaúcha do Norte, Feliz Natal e Nova Ubiratã – responsabilidade no atendimento a oito escolas. Não apóiam nenhuma atividade do projeto e há dificuldade de interlocução. Uma educadora do município de Gaúcha do Norte começou em 2003 a participar do processo de formação de professores indígenas.

A coordenadora do Projeto é responsável pela articulação e concretização de parcerias entre todas as instituições mencionadas, trabalho feito em conjunto com a ATIX e o grupo de professores do PIX. Há uma maior interlocução com a SEDUC-MT que contratou uma educadora para acompanhar mais diretamente o processo de formação. A coordenadora envia relatórios das atividades e incentiva a participação das entidades parceiras.

8. Representantes da ATIX e do grupo de professores indígenas do PIX participam do planejamento anual das atividades. O projeto é avaliado pelos professores cursistas durante os cursos e no acompanhamento pedagógico. Durante o acompanhamento pedagógico educadoras da equipe realizam reuniões de avaliação do

processo de formação de professores e do funcionamento da escola com as comunidades (envolvem as lideranças, pais e mães de alunos, alunos das escolas). Durante a Assembléia da ATIX, realizada uma vez por ano, da qual participam lideranças de todas as etnias do PIX, educação escolar é um tema incluído na pauta de discussão e ocorre uma avaliação do processo. Participam dessas discussões lideranças, professores do PIX e representantes da equipe do ISA.

9. O Projeto foi escrito em 1993 pela atual coordenadora e uma equipe de educadores e antropólogos que atuava no PIX na década de 80. Em 1994 foi iniciado com recursos da Fundação Rainforest da Noruega promovido pela Fundação Mata Virgem e Associação Vida e Ambiente. Essas orgs encerraram suas atividades e em 1996 o Projeto passou a ser de responsabilidade do Instituto Socioambiental, iniciando a parceria com a ATIX- Associação Terra Indígena Xingu.

A Coordenação de Apoio às Escolas Indígenas do MEC passou a apoiar os cursos de formação e impressão de materiais didáticos a partir de 1995.

Desde 1996 foi iniciada a articulação com a SEDUC-MT, sendo que a partir de 1998 começaram a ser feitos convênios anuais de parceria com a ATIX (pagamento de professores – que em 2002 passou a ser feito diretamente pela SEDUC e construção de escolas) e com o ISA (formação de professores). Em 1998 foram atualizadas a maioria das escolas do PIX.

Secretarias Municipais de Educação dos municípios do entorno do PIX – em 1997 foi feita uma reunião envolvendo 11 municípios. O atendimento não correspondeu à expectativa das lideranças e professores que solicitaram a estadualização da maioria das escolas. Atualmente existem 8 escolas vinculadas aos seguintes municípios: Gaúcha do Norte (3), Nova Ubiratã (1), Feliz Natal (3) e Guarantã (Escola da TI Parará).

O Projeto foi inspirado no processo de formação de professores desenvolvido desde 1983 pela Comissão Pró-Índio do Acre junto a professores indígenas acreanos e também na Formação de Professores Indígenas de Rondônia, promovido pelo Instituto de Antropologia e Meio Ambiente de 1992 a 1995.

10. No início do curso, de 1994 a 1997 os cursos eram separados: para professores do Alto e Médio Xingu era realizado no Posto Pavuru e para professores do Baixo Xingu no Posto Diauarum. Em 1998, com o apoio da ATIX, foi feito um curso em conjunto para as duas turmas, pois foi discutido o processo de regularização das escolas vinculando-as ao Estado ou aos Municípios. A partir dessa época os professores quiseram fazer cursos juntos para manter a unidade política dos povos do Parque Indígena Xingu.

Durante o processo de formação, de 1998 a 2002 os professores indígenas redigiram o Projeto Político Pedagógico de 1º a 4º etapas (ou séries). Este Projeto foi aprovado pelo Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso em 2002.

11. A falta de recursos para contratação de mais educadores e pagamento das despesas de viagem para desenvolver acompanhamento pedagógico às 38 escolas indígenas. Essa é a principal demanda dos professores, que no entanto, depende de recursos financeiros.

Outro problema é manter os recursos para viabilizar todas as atividades do projeto. Os recursos governamentais são negociados anualmente, os orçamentos solicitados são sempre reduzidos e não cobrem salários da equipe. As agências internacionais também desejam cortar ou diminuir o apoio, alegando que educação escolar é obrigação do governo brasileiro. Para lidar com esses problemas a coordenadora do Projeto trabalha na busca de recursos financeiros durante todo o ano, procurando viabilizar as ações do Projeto.

12. Indicadores para avaliação:

- Número de alunos alfabetizados nas línguas indígenas e em português, como segunda língua (exceção dos Trumai, cuja língua indígena nas gerações mais jovens tornou-se uma segunda língua).
- Capacidade dos 72 professores indígenas em planejar, registrar as aulas e avaliar o aprendizado dos alunos que pode ser medido através de: número de aulas dadas, número de professores que fazem o registro das aulas planejadas em seus diários de classe e número de professores que redigem semestralmente avaliações de seus alunos.
- Materiais didáticos produzidos (19 livros).
- Capacidade de interlocução da equipe do ISA com os professores indígenas com a ATIX, SEDUC-MT, com o MEC, Funai e com as Secretarias Municipais de Educação.
- Realização do cronograma de cursos e do acompanhamento pedagógico às escolas.
- Aprovação da Proposta Curricular do Curso pelo Conselho Estadual de Educação de MT em 1998 e do Projeto Político Pedagógico de 1º à 4º série das escolas, redigido pelos professores indígenas, com assessoria da equipe do ISA, em 2002.
- Modelo nas políticas públicas através de seus produtos (proposta curricular, projeto político pedagógico e

- materiais didáticos), usados como referência na elaboração dos Referenciais Curriculares Indígenas promovidos pelo MEC.
- Modelo de merenda escolar com alimentos tradicionais adquiridos nas comunidades indígenas que está em processo de implantação pelo MEC em outras escolas indígenas do Brasil.
- Participação da equipe em seminários e consultorias em outros estados do Brasil, à convite do MEC, Secretarias de Educação e orgs, apresentando a experiência do Projeto e contribuindo no desenvolvimento de projetos de formação de professores indígenas similares. Um indicador é o número de reuniões e consultorias em outros projetos do Brasil (assessoria à Formação de Professores Yanomami, à Formação de Professores Indígenas de Rondônia e aos Professores Indígenas de São Paulo, entre outras).
- Participação de representantes dos professores indígenas e coordenadora do Projeto no Conselho de Educação Escolar Indígena de Mato Grosso.

Resultados alcançados:

- 36 escolas funcionando no PIX, 1 na TI Panara e 1 na aldeia Curruzinho (TI Kaiabi/PA), com 72 professores lecionando para 1258 alunos.
- 38 professores indígenas concluíram o Curso de Magistério entre 1999 e 2002.
- 19 professores xinguanos formados em 2000 ingressaram em 2001 no Curso de Licenciatura para Professores, promovido pela UNEMAT.
- Criação pelos professores indígenas, com assessoria de linguistas, de alfabetos para as 15 línguas indígenas e produção de materiais didáticos e literários nessas línguas.
- Inclusão de cinco professores indígenas formados, na equipe pedagógica do Projeto, lecionando para os professores mais novos que ingressaram no meio do processo de formação.
- Proposta Curricular do Curso de Magistério, aprovada em 1998 pelo Conselho Estadual de Educação de MT.
- Projeto Político Pedagógico das Escolas do PIX, aprovado em 2002 pelo Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso, elaborada pelos professores indígenas com assessoria da equipe do ISA.
- Prêmio Itaú-Unicef de melhor projeto educacional na categoria formação de professores e elaboração de materiais didáticos em 1999.
- Prêmio PNBE de melhor projeto educacional em 2001.
- Prêmio Chico Mendes do Ministério do Meio Ambiente como melhor projeto educacional em 2002.
- Inovação na política de atendimento da SEDUC-MT às escolas indígenas (professores indígenas atuam como diretores e recebem recursos para materiais escolares e merenda, prestam contas desses recursos; conquista do direito de adquirir alimentos tradicionais nas comunidades para a merenda escolar, participação da ATIX na política educacional.
- Materiais didáticos impressos para as escolas: “*Geografia Indígena*” (1996), “*Tsakisü*” (1997-alfabetização dos povos de língua Karib), “*Livro de História - volume 1*” e “*Kamajura Jemotap*” (alfabetização na língua Kamajura) em 1998, “*Yudja kamena djur’a patera*” (alfabetização na língua Yudja), “*Jane jemujawa ypyrunggawa jane je’engã*” (alfabetização na língua Kaiabi) e “*Histórias de hoje e de antigamente*”, em 1999, “*Imiehünaku layaka*” (alfabetização na língua Mehinaku) em 2002, pelo MEC. O Programa Norueguês para Povos Indígenas publicou em 1999 os livros “*Brasil e África – uma visão xingwana da formação do povo brasileiro*”; “*Aprendendo Português nas Escolas do Xingu – livro 1*” e “*Kisêdjé Kapere*” (alfabetização na língua Suyá). Em 2000 pela Embaixada Britânica o “*Aprendendo Português nas Escolas do Xingu – livro 2*”. Em 2001, o livro “*Saúde no Xingu*”, com o apoio da Colgate e o livro “*Ikpeng Orempanpot*” (alfabetização na língua Ikpeng), com apoio da Funai e SEDUC-MT. Em 2002 os livros “*Awytyza Tiringku*” (alfabetização na língua Aweti), “*Priara jó howkyã*” (alfabetização na língua Panara) e “*Livro das Águas*” (geografia em língua portuguesa), com o apoio da Embaixada do Canadá. Com o apoio da Fundação Volkswagen o livro “*Trumai*” (ensino da língua Trumai). Em 2003 através da Funai “*Tsügühütu, Kükügühütu*”, livro de leitura e atividades de escrita na língua Küküro.

13. O desenvolvimento de um currículo que consta do Projeto Político Pedagógico das Escolas do PIX, redigido pelos professores indígenas com assessoria da equipe do ISA. Este currículo garante uma formação escolar básica aos alunos das escolas, valorizando os conhecimentos indígenas e desenvolvendo uma visão crítica sobre a sociedade não-indígena. Através da aplicação do currículo os alunos das escolas tomam consciência da importância da defesa de seu território e de seus direitos, assim como da necessidade de uma mobilização das comunidades para controlar os impactos ambientais no entorno do PIX, provocados por madeiros, fazendeiros (agricultores de soja e arroz, pecuaristas) e pousadas de turismo pesqueiro, que também atingem a população do Parque.

- 14.** As escolas indígenas têm um papel fundamental no processo de capacitação das sociedades indígena em direção a um diálogo intercultural com a sociedade envolvente que também valorize as suas especificidades culturais. Os povos do Parque do Xingu vêm sentindo a pressão da hegemonia cultural da sociedade que os envolve e o impacto das transformações ambientais que ocorrem no entorno, ocasionadas pelo modelo predatório de ocupação regional. Nessa perspectiva, a formação dos professores indígenas proposta neste Programa busca abranger temas relacionados à sustentabilidade socioambiental e cultural atual e futura dessas sociedades. Os professores indígenas desenvolveram o Projeto Político Pedagógico de suas escolas, onde consta o currículo para o ensino fundamental. A abordagem dos conteúdos de cada disciplina valoriza os conhecimentos indígenas, ao mesmo tempo que oferece novas informações e estimula a análise das tecnologias e conhecimentos universais. Os professores indígenas atuam na elaboração das ortografia para as línguas indígenas e na criação dos materiais didáticos nas línguas indígenas e portuguesa.
- A equipe da ATIX, professores e lideranças indígenas e a equipe do ISA têm buscado garantir o respeito dos órgãos governamentais a especificidade cultural, pedagógica e política das escolas indígenas, pois apesar das leis garantem o direito à especificidade, na prática elas não são cumpridas havendo a imposição de modelos próprios das escolas não-indígenas.
- 15.** As comunidades do PIX não são pobres. Ao contrário, dispõe de uma riqueza cultural imensa, com formas de desenvolver relacionamentos sociais harmoniosos e respeito ao mundo espiritual, ao qual estão relacionados os recursos naturais, tecnologias sofisticadas para a convivência com a natureza e confecção de objetos úteis para a vida, formas de uso e manejo de recursos naturais que tem garantido a manutenção da vida e cultura. Porém a instalação de fazendas agro-pecuárias e projetos de colonização no entorno do PIX provocou desmatamentos e queimadas, assoreamento e poluição dos rios pelo uso de defensivos químicos nas atividades agrícolas, exploração ilegal dos recursos madeiros e o crescimento dos núcleos urbanos, ameaçando a sobrevivência física e cultural dos povos do PIX. O Parque é um frágil oásis de florestas onde as cabeceiras dos principais rios ficaram fora dos seus limites. Além disso as novas gerações de crianças e adolescentes estão mais sujeitas a uma crescente influência cultural da sociedade envolvente. Há um processo de desnutrição nas crianças de 0 a 5 anos constatado pela UNIFESP cuja principal causa é a introdução de alimentos industrializados que não possuem valor nutritivo em substituição aos alimentos tradicionais e a mudança de regras (casamentos entre pessoas muito jovens, perda de sementes e produtos das roças, desrespeito aos tabus sexuais e alimentares, jovens não querem trabalhar nas roças, sedentarismo devido à limitação do território e aumento da população), entre outras. ATIX, ISA e Unifesp estão se articulando para promover a conscientização das comunidades sobre a importância da alimentação tradicional, assim como promovendo um trabalho de valorização das roças e implantação de viveiros.
- 16.** O principal aspecto é que as comunidades indígenas se preparam para participar da sociedade nacional de maneira digna, defendendo seu território, seus interesses e direitos, exigindo o respeito às leis que garantem sua integridade física e cultural, assim como o respeito à especificidade das escolas indígenas.
- 17.** Não participamos do prêmio anteriormente.
- 18.** A falta de mais profissionais para desenvolver o acompanhamento pedagógico às escolas, assim como de recursos para a impressão de livros produzidos pelos professores indígenas para fortalecer o trabalho dos professores e o aprendizado dos alunos.